

“*NUUESTRA AMÉRICA*”: O LEGADO PRECIOSO DE JOSÉ MARTÍ¹

Luiz Ricardo Leitão²

Após anos de residência na maior das Antilhas, escrevi certa vez que a maioria das pessoas que visitam Cuba pela primeira vez chega à pérola do Caribe sem ter a dimensão de quão idiossincrática é a pátria de **José Martí**. O arquipélago exibe identidade própria, forjada em mais de dois séculos de luta pela emancipação nacional, seja contra a metrópole europeia, seja contra o insaciável Império do Norte. De fato, conforme nos adverte o historiador cubano Eduardo Torres-Cuevas, sua história de resistência contra o poderoso vizinho ianque remonta ao final do século XVIII – ou seja, é anterior até mesmo às manifestações de desmedido chauvinismo assumidas por Thomas Jefferson, um dos “pais fundadores” dos Estados Unidos, na primeira década do século XIX, e ao belicoso preceito expresso por John Quincy Adams, secretário de Estado do Presidente Monroe, em 1823, segundo o qual, por sua posição geográfica, as ilhas caribenhas seriam “apêndices naturais” do território estadunidense³.

Por sua vez, resistindo às investidas do belicoso e insaciável vizinho do Norte, a longa e conturbada história de lutas do povo cubano dotou-o de um arraigado sentimento anti-imperialista e de uma profunda consciência nacional, cuja rara dimensão muitos de nós, brasileiros e latino-americanos em geral, sequer logramos avaliar. Ele protagonizou duas campanhas de Independência no século XIX, mas, ao libertar-se, sofreu uma intervenção branca dos EUA, explicitamente manifesta nas cláusulas da Emenda Platt (incorporada à Constituição cubana em 1901). Por outro lado, se já não bastasse o aprendizado concreto da frente de batalha, toda aquela

¹ Artigo recebido em 09/08/2023. Aprovado pelos editores em 18/08/2023. Publicado em 11/12/2023. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v21i46.59510>

² Doutor em Estudos Literários pela Universidad de La Habana - Cuba. Escritor e professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro - Brasil, de 1995 a 2021. E-mail: lrleitao@terra.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5515701756661980>.

³ Ver, a respeito, LEITÃO, L. R. **Extranjeros**: reflexões, crônicas e ficções de um brasileiro em Cuba no “Período Especial”. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2008, p. 29-30.

árdua experiência histórica que forjaria os líderes do século XX foi esteticamente condensada no pensamento e na obra do notável poeta e prosador **José Martí**, ele próprio uma súpula viva do preceito de que “*viver é combater*”.

Morto na batalha de Los Olmos, em 19 de maio de 1895, quando se iniciava a etapa final da *II Guerra de Independência* (1895-1898), Martí legou a seus compatriotas lições definitivas sobre o perigo que representaria a capitulação perante o implacável vizinho. Ele vivera “no monstro” e conhecera “as suas entranhas”, conforme escreveu ao amigo Manuel Mercado na véspera de sua morte⁴, e por isso tinha plena ciência da voraz ambição imperial. Muito antes de Lênin e sua clássica obra *O Imperialismo, etapa superior do capitalismo* (1916), o autor cubano já nos descrevera em detalhes o processo de formação de uma nação imperialista, cujo primeiro objeto de cobiça nas Américas, ao lado de México e Porto Rico, era a própria ilha de Cuba.

Martí seria o mentor espiritual do assalto ao Quartel Moncada, em 26 de julho de 1953, data que se tornaria um marco da epopeia cubana em busca da tão almejada soberania nacional – e, não por acaso, o ano do centenário do *Apóstolo*, nascido em Havana em 28 de janeiro de 1853. Fidel Castro, o jovem advogado que liderou a frustrada ação contra o ditador Fulgencio Batista em Santiago de Cuba, capital da mais importante província no lado leste do arquipélago, não hesitou em invocá-lo em sua autodefesa perante os tribunais da ditadura, um libelo que mais tarde se tornaria célebre sob o título de *A história me absolverá*. O “*Apóstolo da Independência*” também iria inspirar a direção revolucionária do **Movimento 26 de Julho** e seus principais aliados na luta de guerrilhas que culminou com a deposição de Batista em 1º de janeiro de 1959. O próprio “Che” Guevara, nascido em um país que também abrigara expoentes maiúsculos da causa libertária na América Latina, invocaria o pensamento do *maestro* em sua formulação teórica, postulando como poucos o quão importante seria a preservação da soberania – não apenas política, mas sobretudo econômica e tecnológica – para a construção de um sólido e autêntico projeto nacional.

⁴ MARTÍ, José. “Carta a Manuel Mercado”. In: LEITÃO, L. R. (org.). **José Martí**: Antologia. São Paulo: Expressão Popular, 2023, pp. 53-57.

Um sonho inconcluso, mas ainda urgente, imprescindível e possível

Em todos os libelos escritos com a prosa arrebatadora do *Apóstolo*, conjuga-se o ardor e a determinação do revolucionário com a clareza de expressão e a agudeza de espírito do prosador, que, sem jamais abdicar de sua veia poética, vale-se inúmeras vezes de imagens que vieram a calar fundo no imaginário coletivo cubano e latino-americano. Assim, já na abertura do antológico libelo “**Nossa América**”, ele adverte o “aldeão vaidoso”, para quem “o mundo inteiro é sua aldeia”, sobre a sua miopia política. Incapaz de pensar no bem-estar coletivo, seu egoísmo e cegueira o impede de pressentir o perigo dos “gigantes de sete léguas nas botas” que o poderão pisotear a qualquer hora, ou seja, a ameaça concreta de expansão do Império do Norte sobre suas terras. Faltava ainda maturidade a muitos de seus compatriotas, que desprezavam a origem *criolla* e não tinham fé na própria pátria; era uma gente de braço débil, de “unhas pintadas e pulseira”, que sonhava em viver na “civilizada” França ou na Espanha – mazela que, até hoje, assola boa parte das vaidosas e arrogantes elites da América Latina.

Muito antes que **José Carlos Mariátegui** (1894-1930) escrevesse os *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* (singular investigação sobre a história econômica de seu país sob a ótica do materialismo histórico), ocupando-se, de forma inédita, da sociedade hispano-americana a partir de seus temas e desafios essenciais (como o *problema indígena* e a *questão agrária*), **Martí** já nos alertava sobre a necessidade de sermos originais na busca de soluções para a *Nossa América*. Desde o estudo dos antepassados até a formulação de políticas públicas, nada deveria ser artificial ou importado: “*A história da América, dos incas até aqui, há de ser ensinada minuciosamente, ainda que não se ensine a dos arcontes da Grécia – que não é a nossa. Ela nos é mais necessária. Os políticos nacionais hão de substituir os políticos exóticos. Enxerte-se nas nossas repúblicas o mundo; porém o tronco há de ser o das nossas repúblicas.*”

A concepção política das novas formas de poder também deveria guiar-se por tais premissas: “*O governo há de nascer do país. O espírito do governo há de ser o do país. [...] O governo nada mais é do que o equilíbrio dos elementos naturais do país*”. Em suma, já não cabia mais o exercício do poder por figuras que se formavam em universidades estrangeiras, adotavam modelos importados e desconheciam ou subestimavam a história e as culturas de um território híbrido, sincrético e

miscigenado. É assim que ele cunha algumas das imagens mais plásticas e potentes de seu ideário, quando, por exemplo, afirma que a “nossa Grécia” é preferível àquela que não é nossa. E assim, com extremo orgulho e simplicidade, exorta os jovens da América a arregaçarem as mangas, meterem as mãos na massa e construir o futuro com a levedura do seu suor. Basta de tanta imitação! “*A salvação está em criar. Criar é a palavra-chave desta geração. O vinho é de banana; e, mesmo se sair azedo, é o nosso vinho!*”

Coube a **José Martí**, ainda, o valioso ensinamento incutido aos revolucionários de todos os continentes de que “*trincheiras de ideias valem mais do que trincheiras de pedras*” – consigna que, nos anos mais árduos e espinhosos do chamado “Período Especial” de Cuba (durante a década de 90, após a queda do “socialismo real” no Leste Europeu), estimulou a resistência da população do arquipélago às agruras materiais e financeiras que o colapso da ex-União Soviética lhe impôs. Em *Nossa América*, tal pensamento se manifesta em diversas passagens, entre elas a sugestiva metáfora náutica que sentencia: “*Não há proa que rompa uma nuvem de ideias. Uma ideia enérgica, desfraldada em tempo hábil perante o mundo, detém, como a bandeira mística do juízo final, uma esquadra de encouraçados.*”

Em defesa da *Pátria Grande*: autóctone, unida, soberana e anti-imperialista

Tão ou mais clarividente e precisa seria ainda a réplica de **Martí** ao letal ideologema cunhado por Domingo Faustino Sarmiento na obra *Facundo: civilización y barbarie* (1845), virulenta prédica anti-indigenista e antiamericana do político e escritor que governou a Argentina de 1868 a 1874. Ao recusar com veemência a mestiçagem e subscrever a ação genocida do colonizador, declarando que a “civilização” correspondia ao estágio do homem europeu do séc. XIX e que “a América só progrediu graças ao extermínio”⁵, Sarmiento acaba por estabelecer um antagonismo inexorável entre o campo e a cidade – está descrita como berço dos “*últimos progressos da razão humana*” e aquele tachado de “*abrigo da barbárie que o primitivismo humano simboliza*”. Enfim, uma vistosa e nociva imagem que encerra apenas uma antinomia meramente discursiva, incapaz de explicar a complexa

⁵ Cf. VIÑAS, David. **Literatura argentina y realidad política**. Buenos Aires: CEAL, 1989, p. 16-17.

articulação cidade-campo na órbita do capitalismo, mas de efeitos nefastos na formação do imaginário coletivo nacional da *Pátria Grande*.

Desvelando a armadilha ideológica do *Facundo*, o *Apóstolo* não hesitou em afirmar que, em nossa América, “o mestiço autóctone venceu o *criollo*⁶ exótico” e “o livro importado foi vencido pelo homem natural”. Em suma, com a vitória dos “homens naturais” sobre “os letrados artificiais”, a premissa de Sarmiento tornou-se insustentável: “*Não há batalha entre a civilização e a barbárie, mas sim entre a falsa erudição e a natureza.*” Não poderia ser mais eloquente a réplica do cubano ao portenho que admirava o progresso dos Estados Unidos e via no emergente Império o ideal de nação “moderna”, sonhando em fazer da Argentina um país totalmente urbanizado e integrado às pautas das potências capitalistas estrangeiras. A saída jamais seria copiar o modelo alheio e aceitar o destino colonial da América Latina, mas sim criar suas próprias políticas de desenvolvimento humano, econômico e social, fundadas no sólido conhecimento da nossa história e na valorização permanente da nossa cultura.

O prosador revolucionário revela-se, pois, um combatente de raro tirocínio político e histórico, que antevê como poucos os perigos da expansão imperialista dos EUA, país que há muito já reclamava “relações íntimas” com o seu “quintal”. Ele denota igualmente uma aguda consciência sobre o processo de formação das jovens nações latino-americanas, cujos processos de independência transitavam ainda por trilhas tortuosas, com diversas guerras civis e conflitos violentos travados entre os próprios países recém-emancipados, o que só favorecia os propósitos expansionistas da águia traiçoeira de Washington. Por isso, seu clássico libelo anti-imperialista, publicado originalmente na *Revista Ilustrada de Nova York*, em plena terra de Tio Sam, em 10 de janeiro de 1891, quando ele arregimentava corações, mentes e armas para desfechar a *II Guerra de Independência* de Cuba, continua a merecer, hoje e sempre, uma leitura atenta e analítica – sem, porém, prescindir da paixão e do fervor revolucionário – de todos aqueles e aquelas que sonham com uma *Pátria Grande* unida e soberana, desde o sul do Rio Bravo até a Terra do Fogo.

⁶ O termo “*criollo*” é aqui empregado na acepção que assumiu na América Hispânica desde a era colonial, ou seja, designando os descendentes de espanhóis nascidos no continente americano, os quais, durante longo tempo, foram proibidos de participar da administração e da vida política dos países submetidos à Coroa espanhola.

Ainda que o objetivo estratégico do escritor *mambí* não tenha se concretizado naquela jornada, sua lição permaneceu viva nos corações dos rebeldes cubanos do século XX. Ela os inspira desde a geração de **Julio Antonio Mella** (1903-1929) e **Rubén Martínez Villena** (1899-1934), que fundam o Partido Comunista Cubano (PCC) na década de 1920 e resistem bravamente à ditadura de Gerardo Machado, até a gesta vitoriosa de **Fidel Castro, Camilo Cienfuegos, Haydée Santamaría** e seus pares nos anos 50, iniciada com o assalto frustrado ao Quartel Moncada (26/7/1953) e concluída com a derrubada do ditador Fulgencio Batista em 1º/1/1959. Todos eles buscam no legado martiano armas para a sua luta, ensejando o ressurgimento das ideias nacionalistas no país na década de 1930, uma resposta incisiva à penetração dos grupos financeiros ianques em Cuba, convertida em paraíso da máfia estadunidense, que organizava o turismo e os jogos ilegais. E dessa fusão madura dos ensinamentos de **Martí** com o ideário marxista surge, por fim, a base ideológica da vitoriosa **Revolução Cubana**, que há mais de seis décadas lançou uma estrela sobre a *Pátria Grande*.